



PLATÃO

O BANQUETE

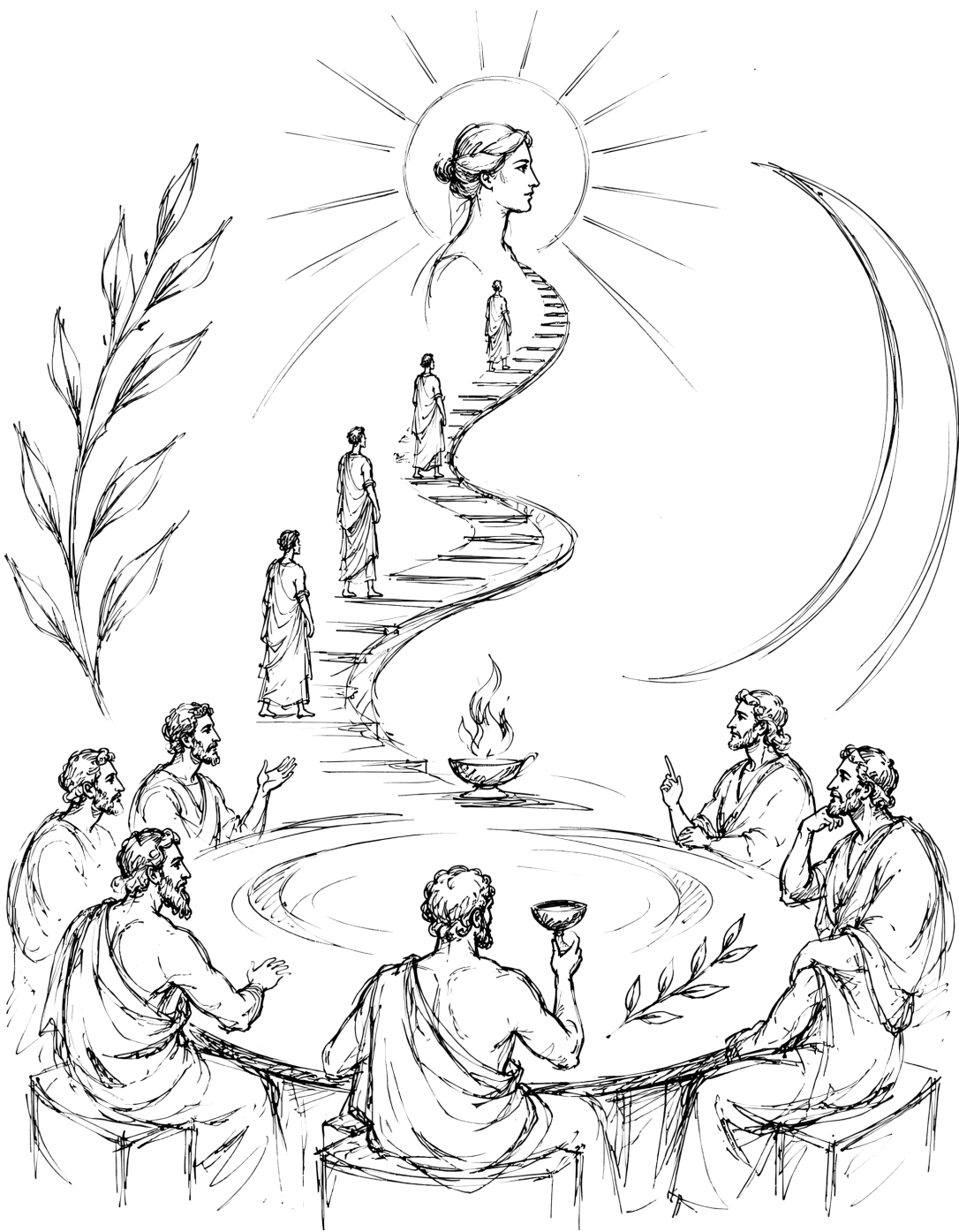
Veríssimo

PLATÃO

O BANQUETE

Tradução
Roberta Sartori

Veríssimo



INTRODUÇÃO

A obra de Platão que conhecemos como *O Banquete*, escrita por volta de 385 a 380 a.C., também é encontrada com outro título, especialmente em língua inglesa: *The Symposium* [*O Simpósio*]. De fato, originalmente, o título da obra é *Simpósio*, em grego antigo: Συμπόσιον (*Sympósion*). Mas como explicar essa diferença? Podemos dizer, por meio de uma metáfora, que os dois termos representam faces distintas de uma mesma moeda. Na aristocracia ateniense, quando as pessoas se reuniam em um jantar, em especial para fins de celebração, como é o caso do contexto do livro, essa reunião geralmente tinha dois momentos, denominados respectivamente de banquete e simpósio.

O banquete caracterizava-se pelo jantar propriamente dito, quando as pessoas comiam e bebiam ao som de boa música. Já o segundo momento, que se seguia imediatamente à refeição, era o simpósio, quando os convidados iriam, então, conversar. Como aprendemos pelo livro, não havia temas previamente definidos para essas reuniões; o tema era lançado por alguém e, então, passava a ser o objeto da conversa. Na obra que o leitor tem em mãos, o mote sugerido pelos convidados é o Amor.

A reunião ocorre na casa do poeta trágico Agatão, que oferece um jantar a fim de celebrar sua vitória em um concurso literário de tragédias. Na verdade, ficamos sabendo que Agatão ofereceu dois jantares.

Um no dia do recebimento do prêmio, do qual participaram muitas pessoas. O segundo, no qual são apresentados os elogios, ocorreu na noite seguinte, quando Agatão festeja com os amigos mais próximos. É nesse segundo evento que são apresentados sete discursos. Seis deles consistem em elogios ao Amor e são proferidos, nesta ordem, por Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão e Sócrates. Já o sétimo, realizado por Alcibíades, discorre a respeito de Sócrates. Embora seja o terceiro a apresentar seu discurso, Erixímaco foi quem fez a proposta e a sugestão do tema.

Cada discurso, de modo dissertativo-argumentativo, procura apresentar o que de fato caracterizaria o Amor. Veremos que, além de ser abordado o deus que o representa, Eros, o Amor também será explicado por meio de analogias a deuses e mitos e investigado a partir de uma perspectiva naturalista e científica, sendo analisado desde a causa do desejo sexual até como da manifestação do sublime, trazendo ao mundo ideias e virtudes. Vejamos, a seguir, as principais características de cada um dos elogios.

O discurso de Fedro, escritor considerado o introdutor do gênero fábula, foi o primeiro. De acordo com ele, o deus do Amor, Eros, é o mais antigo dos deuses, daí ser o mais honroso. Fedro busca na mitologia os argumentos para defender sua posição sobre o Amor. Ao trazer a história de Alceste, Orfeu e Aquiles, Fedro procura mostrar o protagonismo do amor nos atos de coragem desses personagens por quem se ama, mesmo que isso traga sofrimento a si próprios. Esse sacrifício é altamente estimado pelos deuses, a ponto de concederem recompensas aos que dessa forma amam e que agem movidos por esse amor. Fedro também ressalta que nada traz mais dor àquele que ama do que ser reprovado pela pessoa amada. Nesse sentido, o amor é capaz de orientar os homens na direção do bem; de fato, o amor é a causa de todos os bens, e os que agem sob sua inspiração acabam alcançando a excelência. E essa excelência se expressa em todos os aspectos da vida do homem.

O segundo a apresentar seu elogio ao amor foi Pausânias — amante de Agatão. Ele inicia com certa crítica a Fedro. A seu ver, quando se

fala em amor, não se pode falar apenas em um amor, mas dois. O seu argumento é construído a partir de uma analogia à deusa Afrodite. Segundo ele, assim como existem duas Afrodites, existem dois amores. Vejamos. A primeira Afrodite, a celestial, é filha unicamente de Urano — não tem nela, portanto, a participação da natureza feminina, apenas da masculina — e está associada ao que é eterno e imortal. Já a segunda, a popular, é filha de Zeus e Dione — traz em si a participação do masculino e do feminino e está associada ao que é transitório e mortal. Da mesma forma, há dois amores. O primeiro é nobre e espiritual, voltado para a alma e tem na virtude seu objetivo último. O segundo é vulgar, ligado ao físico e ao material, e tem na satisfação dos desejos sexuais seu objetivo último. O primeiro ama o que é perene; o segundo, o que é passageiro. O verdadeiro amor é fruto da união desses dois tipos. Entretanto, embora ambos sejam necessários, ao fim e ao cabo, o que deve imperar é o amor que ama a alma, que busca e encontra a virtude, caso contrário, sucumbir ao amor vulgar, ao mero amor pelo corpo, leva o homem a se corromper.

O terceiro discurso é feito pelo médico Erixímaco. A sua abordagem é de uma perspectiva científica, naturalista. Assim como Pausânias, também concebe a duplicidade da natureza do amor, mas, dado o ponto de vista da sua abordagem, segundo ele a presença do amor está em todas as formas de vida: além do homem, está nos animais, nos vegetais; em suma, está presente no que é humano, cósmico e divino. Nessa dualidade naturalista do amor, Erixímaco distingue o amor sadio do amor doente. Aqui, vemos mais uma vez o uso da analogia na construção do argumento. Erixímaco compara-o com a sua arte. Segundo ele, a medicina suscita o amor, pois, como ela, que busca a saúde, o amor traz a harmonia. O amor sadio se manifesta, por exemplo, nas estações do ano em que os opostos, como o quente e o frio, em harmonia, geram beleza. Já o outro amor, o doente, atuando nas estações do ano gera estragos; traz fome quando tempestades e granizo arrasam plantações. No homem, o amor doente, da mesma forma, traria desequilíbrio entre os afetos, já o amor sadio traria a pacificação. Ao

contrário de Pausânias, em Erixímaco um amor não precisa prevalecer sobre o outro, mas precisam estar em estado de conciliação entre si, deixando, assim, em harmonia a alma e o corpo, a atração espiritual e o desejo sexual.

O elogio seguinte é feito pelo célebre autor de peças cômicas Aristófanes. Ele recorre ao mito do andrógino para embasar sua fala. Em seu discurso, procura tratar não somente da ideia da alma gêmea como também da homoafetividade. Seu argumento é o de que o amor se caracteriza pela busca permanente e obstinada dessa outra metade, dessa nossa parte perdida e que, de fato, nos completa a fim de que o todo original seja restabelecido. Mais do que a mera união sexual, é o encontro de algo pelo qual a alma de um anseia da e na alma do outro. A alma não sabe falar a respeito nem sabe o que é essa coisa, mas é capaz de reconhecê-la quando a encontra. Originariamente, a humanidade era formada não por dois, mas por três gêneros. Cada ser era formado por dois, cada um era uma dupla: homem/homem, mulher/mulher e homem/mulher — este último, o ser misto ou andrógino. Nessa concepção de duplas, os humanos eram seres completos. Contudo, a sua soberba fez com que se achassem melhores do que os deuses, levando-os a subir aos céus para lutar contra eles e tomar seu lugar. Entretanto, eles perderam e foram castigados por Zeus. A punição: ser cortados ao meio, separados da sua outra metade. Ao serem jogados de volta à Terra, deram início a uma busca desesperada por sua outra metade. A busca por essa metade perdida — seja ela de natureza homossexual, masculina ou feminina, ou heterossexual —, por aquilo que nos completa, o que nos restaura ao nosso todo original, à nossa antiga perfeição, que é ser um ser único, é o amor.

Agora é a vez do discurso do anfitrião e homenageado Agatão. O seu elogio vai encaminhar o debate para a questão do amor enquanto aquele que causa e concretiza o que é virtuoso e belo. Ele une, pois é a causa dos relacionamentos, especialmente, entre jovens. Daí sua afirmação de o amor ser ele mesmo jovem. E, ainda assim, o verdadeiro amor deve ir além da atração física. Ele valoriza as qualidades morais e

intelectuais, elevando a alma, trazendo todo o bem. O amor habita tudo o que é terno e delicado, pois ele mesmo assim o é. O amor inspira o belo, pois ele igualmente o é; inspira a coragem, pois é também ela da sua natureza. E assim Agatão vai caracterizando a natureza do amor.

Chegamos ao discurso de Sócrates. Aqui o leitor se depara com a oportunidade de ter seu raciocínio tomado pela mão e ser conduzido pelo belíssimo processo de seleção e estabelecimento de premissas até o alcançar das conclusões, e depois ver essas conclusões se transformarem novamente em premissas que, por sua vez, darão origem a novas conclusões. E é encantador ver como Sócrates consegue não só identificar e provar um aspecto contraditório no discurso de Agatão, o que de modo algum invalida o louvor proferido pelo poeta. Sócrates, contudo, consegue provar que o amor está ligado ao desejo, e que se o amor ama a beleza, é prova de que ele carece dela, afinal, não se pode desejar o que se tem. O filósofo vai mais longe, ao provar que o amor também carece do que é bom, pelo mesmo motivo, pois o deseja. Ao identificar essa contradição e esse impasse, Sócrates recorre à narrativa de um diálogo que teve com a filósofa e sacerdotisa Diotima, que também se deparou com o mesmo problema. Ela traz, então, a proposta de solução para o impasse, a saber, o amor, dadas as suas carências, não é um deus, mas um gênio, um intermediário e interlocutor entre os homens e deuses e vice-versa. Nesse diálogo, Sócrates e Diotima tratam da relação entre o homem e a imortalidade com base no papel e na natureza do amor. Segundo eles, para o homem, a imortalidade é possível somente por meio da capacidade de procriar e deixar herdeiros. O amor é apresentado como uma pulsão criadora, que nos capacita e nos impele a criar, a sermos inventivos. Contudo, como o diálogo e o próprio discurso mostram existe uma procriação mais sublime, que se dá na alma. E essa forma de concepção do amor gera uma forma superior de produção, como o bem maior, a justiça, tudo em prol da pólis, da comunidade. Sem dúvida, o discurso de Sócrates e o diálogo com Diotima, que ele narra, são muito mais ricos. E seria um fim em grande estilo. Contudo, uma surpresa. Ao final chega Alcibíades. E, com ele, sua embriaguez e seu discurso.

Nesse discurso, o elogio do autor não é ao amor, mas a Sócrates. O modo como Alcibiades chega, embriagado, e as coisas que narra sobre Sócrates, por um lado e o que aprendemos nos discursos anteriores nos permitem verificar como as paixões e os excessos podem, mesmo em nome do amor, ser destrutivos. Elementos como alma, beleza, virtude — ou a falta deles — são determinantes na construção e na destruição de um homem e de todo o bem que ele pode gerar.

Roberta Sartori
Tradutora

O BANQUETE







PESSOAS DO DIÁLOGO: Apolodoro e um companheiro, a quem repete o diálogo que ouvira de Aristodemo — o qual também já havia relatado a Glauco. Presentes no banquete: Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão, Sócrates, Alcibíades, um grupo de festeiros.

APOLODORO A UM COMPANHEIRO: Quanto às coisas sobre as quais você pede para ser informado, acredito que não estou mal preparado para responder. Pois anteontem mesmo eu estava indo da minha casa, em Falero, para a cidade, e um conhecido meu, que me avistou por trás, veio de longe, me chamando, e gritava de brincadeira:

— Apolodoro, ó, faléreo*; homem, pare aí!

Parei, assim, para esperá-lo. Então ele disse:

— Eu venho procurando por você, Apolodoro, quero lhe perguntar sobre os discursos em elogio ao Amor que foram recitados por Sócrates, Alcibíades e outros, no banquete na casa de Agatão. Fênix, filho de Filipe, contou a respeito à outra pessoa que, por sua vez, me fez um

* A palavra "careca", em grego, é "falakrós". A brincadeira é fruto da semelhança sonora entre a palavra e o gentílico correspondente à cidade onde reside Apolodoro, Falero.

relato; mas, a narrativa dele estava muito confusa, e ele disse que você sabia como foi. Assim eu gostaria que você me fizesse um relato dos acontecimentos. Afinal, quem melhor do que você para ser o relator das palavras do seu amigo? Mas, antes de mais nada, diga-me, você esteve mesmo presente nessa tal reunião?

— Glauco, seu informante devia estar muito confuso se você ficou com a impressão de que isso foi há pouco tempo ou de que eu poderia ter estado nesse banquete.

— Bem, sim — ele respondeu —, pensei que sim.

— Impossível — eu disse. — Você não sabe que há muitos anos Agatão já não reside em Atenas; ademais só faz três anos que conheci Sócrates e que tomei como minha tarefa diária saber tudo o que ele diz e faz. Houve um tempo em que eu corria pelo mundo, imaginando que estava bem ocupado, mas, na verdade, eu era um ser muito miserável, em nada melhor do que você é agora. Eu achava que deveria fazer qualquer coisa em vez de ser filósofo.

— Bom — disse ele —, agora deixe de brincadeiras e me diga quando ocorreu essa reunião.

— Quando ainda éramos jovens — respondi —, quando Agatão ganhou o prêmio com sua primeira tragédia, no dia seguinte àquele em que ele e seu coro ofereceram o sacrifício da vitória.

— Então deve ter sido há muito tempo — disse ele —, mas quem te contou foi Sócrates?

— Na verdade, não — respondi. — Foi a mesma pessoa que contou a Fênix; um sujeito baixinho, que nunca usava sapatos; Aristodemo, do distrito rural de Cidateneão. Ele esteve na festa de Agatão; e creio que, naquela época, não havia ninguém que fosse um admirador mais devotado de Sócrates do que ele. Além disso, perguntei a Sócrates sobre a veracidade de alguns detalhes da sua narrativa, e ele confirmou.

— Então — disse Glauco — repita a história. O caminho para Atenas não é feito para boas conversas?

E, assim, fomos caminhando e conversando sobre os discursos a respeito do Amor. E, como eu disse no início, não estou em nada mal

preparado para atender ao seu pedido e posso recitá-los de novo, se você quiser. Pois não só tiro muito proveito, mas me dá profundo prazer falar ou ouvir outros falarem de filosofia. Por outro lado, quando ouço outro tipo de conversa, especialmente a de vocês, homens ricos e comerciantes, fico entediado e aborrecido. Na verdade, tenho pena de vocês, meus companheiros, porque pensam que estão fazendo alguma coisa quando na realidade não estão fazendo nada. E ousou dizer que vocês têm pena de mim, a quem supõem como uma criatura infeliz e, muito provavelmente, estão certos. Mas isso que vocês apenas supõem a meu respeito é aquilo de que tenho certeza a respeito de vocês — essa é a diferença.

COMPANHEIRO: Vejo, Apolodoro, que você continua exatamente o mesmo — sempre falando mal de si mesmo e dos outros; e eu realmente acredito que, com exceção de Sócrates, você tem pena de toda a humanidade, a começar, sobretudo, por você mesmo. Nisso, você é fiel ao seu velho nome, que, por mais merecido que seja, não sei como o adquiriu, o de Apolodoro, o louco; pois você está sempre furioso contra si mesmo e contra todos, exceto contra Sócrates.

APOLODORO: Sim, amigo, e a razão pela qual dizem que sou louco e desorientado é apenas porque tenho essa percepção a meu e a seu respeito; nenhuma outra evidência é necessária.

COMPANHEIRO: Deixemos isso para lá, Apolodoro; prefiro reiterar meu pedido para que você conte como foi a conversa.

APOLODORO: Bem, os discursos sobre o Amor foram assim... Mas talvez seja melhor eu começar bem do início e me esforçar para lhe dar as palavras exatas de Aristodemo.

Ele disse que encontrou Sócrates recém-saído do banho e usando sandálias; e como vê-lo calçando sandálias era incomum, perguntou-lhe aonde ia tão bem alinhado:

— Vou a uma ceia na casa de Agatão — respondeu ele —, cujo convite para celebrar sua tão sacrificada vitória eu recusei ontem, temendo que houvesse uma multidão por lá, mas prometendo que iria hoje. Então coloquei minhas roupas finas, porque ele mesmo é um homem fino. O que você acha de ir comigo, mesmo sem ter sido convidado?

— Farei como você propõe, Sócrates — respondeu Aristodemo.

— Venha, então — disse ele —, e estraguemos o provérbio que diz: “Para o banquete dos inferiores, os homens de bem vão sem terem sido convidados”. Em vez disso, a nossa versão do provérbio será: “Para o banquete dos homens de bem, os homens de bem vão sem terem sido convidados”. Veja que essa alteração pode ser apoiada pela autoridade do próprio Homero, que não apenas arrasa, mas literalmente ultraja o provérbio. Pois, após retratar Agamênon como o mais valente dos homens, faz com que Menelau, que é apenas um guerreiro medíocre, venha espontaneamente ao banquete de Agamênon,* que está festejando e oferecendo sacrifícios; não é o melhor indo para o banquete do pior, mas o pior indo para o banquete do melhor.

— O que eu temo, Sócrates — disse Aristodemo —, é que o meu caso seja este último; e que, como Menelau em Homero, eu seja o pior indo “para o banquete dos sábios sem ter sido convidado”. Para não ser assim, vou dizer que fui convidado por você, e então você terá que dar uma desculpa. “Indo os dois juntos”, ele respondeu, à moda homérica, um ou o outro pode inventar uma desculpa a propósito.

E essa foi a conversa deles enquanto se dirigiam para a casa de Agatão. Sócrates começou a ficar para trás, como que num ataque de abstração, e insistiu que Aristodemo, que o estava esperando, fosse adiante dele. Ao chegar à casa de Agatão, encontrou as portas abertas e algo cômico aconteceu. Um criado que estava saindo encontrou-o e conduziu-o imediatamente ao salão de banquetes onde os convidados já estavam reclinados, pois a ceia estava prestes a começar.

* Referência a *Ilíada*.

— Bem-vindo, Aristodemo — disse Agatão, assim que entrou. — Você chegou bem a tempo de jantar conosco; se você veio por qualquer outro assunto, adie-o e faça-se um de nós. Ontem mesmo eu estava procurando por você, pois queria ter te convidado caso tivesse conseguido te encontrar. Mas o que houve com Sócrates?

Aristodemo se virou, mas Sócrates tinha sumido; então teve que explicar que eles estavam juntos no instante anterior e que havia vindo a convite de Sócrates para o jantar.

— Você fez muito bem em vir — disse Agatão —, mas onde ele está?

— Estava atrás de mim agora há pouco, quando entrei, mas não consigo imaginar o que tenha acontecido com ele.

— Vá procurá-lo, garoto — disse Agatão a um criado —, e traga-o. E quanto a você, Aristodemo, enquanto isso se acomode ao lado de Erixímaco.

Outro criado, então, ajudou-o a se lavar e ele se reclinou na cadeira. Logo o primeiro criado retornou e relatou que nosso amigo Sócrates havia se dirigido ao portão da casa vizinha.

— Esse Sócrates está lá, imóvel — disse ele —, e por mais que eu o chame, permanece parado.

— Que estranho — disse Agatão. — Então vá lá e chame-o mais uma vez, na verdade, continue chamando-o.

— Não, deixe-o — disse meu informante Aristodemo —, ele tem essa mania de parar em qualquer lugar e se perder sem motivo. Acredito que aparecerá em breve, portanto, não o perturbe.

— Bom, se você acha melhor assim, vou deixá-lo — disse Agatão. E, então, voltando-se para os criados, acrescentou: — Vamos jantar sem esperar por ele. Sirvam, portanto, o que quiserem, como se não houvesse ninguém para lhes dar ordens; até agora nunca os deixei por conta própria. Mas, nesta ocasião, imaginem que vocês são nossos anfitriões e que eu e a minha companhia somos seus convidados; tratem-nos bem, e nós os elogiaremos.

Depois disso, o jantar foi servido, mas nada de Sócrates aparecer. Durante a refeição, Agatão expressou várias vezes o desejo de mandar

chamá-lo, porém Aristodemo se opunha; até que, finalmente, quando a festa já estava na metade — pois a refeição, como sempre, não durava muito —, Sócrates entrou. Agatão, que estava reclinado sozinho na ponta da mesa, implorou que ele ocupasse o lugar ao seu lado; para que “eu possa tocá-lo”, disse ele, “e ter o benefício daquele pensamento sábio que veio à sua mente no portão ao lado, e que agora está em sua posse; pois tenho certeza de que você não teria partido antes de encontrar o que procurava”.

— Como eu gostaria — disse Sócrates, tomando o seu lugar como era desejado — que a sabedoria pudesse ser infundida pelo toque, do homem mais cheio para o mais vazio, como a água que, através do fio de lã, corre de um copo mais cheio para outro mais vazio; se assim fosse, quanto deveria eu valorizar o privilégio de me reclinar ao seu lado! Pois você teria me preenchido com um fluxo de sabedoria abundante e justo; enquanto o meu é de um tipo muito mesquinho e questionável, como um sonho. Mas o seu é brilhante e cheio de promessas, e foi manifestado em todo o esplendor da juventude anteontem, na presença de mais de trinta mil gregos.

— Você é um zombador, Sócrates — disse Agatão —, e em breve você e eu teremos que determinar quem carrega a sabedoria de maior excelência, disso Dioniso será o juiz. Mas, no momento, é melhor você tratar de jantar.

Sócrates tomou seu lugar e jantou com os demais. Foram, então, oferecidas as libações e, depois que cantaram um hino ao deus e de terem feito as cerimônias habituais, eles estavam prestes a começar a beber, quando Pausânias disse:

— E agora, meus amigos, como podemos beber com o mínimo de prejuízo para nós mesmos? Posso assegurar-lhes que ainda sinto muito o efeito do que bebi ontem e preciso de tempo para me recuperar; e suspeito que a maioria de vocês esteja na mesma situação, afinal vocês participaram da festa de ontem. Consideremos, então, como beber sem passarmos mal?

— Concordo inteiramente que devemos, por todos os meios, evitar beber muito, pois eu próprio fui um daqueles que ontem se afogaram na bebida — disse Aristófanes.

— Acho que você está certo — disse Erixímaco, filho de Acúmeno —, mas ainda gostaria de ouvir uma certa pessoa falar a respeito: então, Agatão, quanto ainda consegues beber?

— Absolutamente nada — disse Agatão.

— Então — disse Erixímaco —, os cabeças fracas como eu, Aristodemo, Fedro e outros, que nunca conseguem beber, têm a sorte de descobrir que os mais fortes não estão com disposição para beber. Não incluo Sócrates, que é capaz de beber ou de se abster, e não se importará independentemente do que fizermos. Bom, como ninguém do grupo parece muito disposto a beber, posso ser perdoado se disser algumas palavras, como médico, a respeito da embriaguez. Beber muito é uma prática ruim, a qual nunca sigo, se eu consigo evitar. Certamente não a recomendo a ninguém, muito menos a qualquer um que ainda sinta os efeitos da farra de ontem.

— Sempre faço o que você aconselha, especialmente o que você prescreve como médico — acrescentou Fedro, o mirrinúcio —, e o restante do grupo, se for sábio, fará o mesmo.

Ficou acordado que se embriagar não faria parte da ordem do dia, mas que todos beberiam apenas o quanto lhes apetecesse.

— Então — disse Erixímaco —, como todos vocês concordam que beber será voluntário e que não deve haver compulsão, proponho que a flautista, que acaba de chegar, seja instruída a ir embora, que toque para si mesma ou, se quiser, para as mulheres que estão lá dentro. Hoje, em vez disso, conversemos; e, se vocês me permitirem, direi que tipo de conversa.

Tendo a proposta sido aceita, Erixímaco procedeu da seguinte forma:

— Vou começar — disse ele — à maneira de Melanipa em Eurípides. “Não é minha a palavra” que vou falar, mas a de Fedro. Pois, com frequência, ele me diz em tom indignado: “Que coisa estranha é, Erixímaco, que, enquanto outros deuses têm poemas e hinos feitos em sua homenagem, o Amor, grande e glorioso deus, não tem encomiasta entre todos os poetas, que são tantos. Há também os valiosos sofistas, o

excelente Pródico, por exemplo, que discorreu em prosa sobre as virtudes de Hércules e de outros heróis; e, o que é ainda mais extraordinário, cheguei a encontrar uma obra filosófica em que a utilidade do sal se tornou tema de um discurso eloquente; e muitas outras coisas semelhantes tiveram a mesma honra concedida a elas. E pensar que houve tão grande interesse criado sobre elas e, ainda assim, até hoje ninguém se atreveu a cantar dignamente os louvores do Amor! Quão completamente essa grande divindade tem sido negligenciada”. Agora, nesse aspecto, Fedro parece-me ter toda a razão e, portanto, quero oferecer ao Amor um tributo; também penso que, neste momento, nós, que estamos aqui reunidos, não podemos fazer nada melhor do que honrar o deus Amor. Se vocês concordam comigo, conversa não faltará; pois pretendo propor que cada um de nós, por sua vez, indo da esquerda para a direita, faça um discurso em homenagem ao Amor, fazendo o melhor que puder; e Fedro, porque está sentado primeiro à esquerda e porque é o pai da ideia, é quem irá começar.

— Ninguém votará contra você, Erixímaco — disse Sócrates. — Como poderia opor-me à sua moção, que professa não entender nada além de questões relacionadas ao amor; também não irão, presumo, Agatão e Pausânias; e não pode haver dúvida sobre Aristófanes, cuja única preocupação é com Dioniso e Afrodite; nem ninguém daqueles que vejo ao meu redor discordará. A proposta, tanto quanto sei, pode parecer bastante difícil para nós, que ocupamos o último lugar; mas ficaremos satisfeitos se ouvirmos primeiro alguns bons discursos. Que Fedro comece o louvor ao Amor e boa sorte para ele.

Todo o grupo expressou seu consentimento e desejou que ele fizesse o que Sócrates propusera. Aristodemo não se lembrou de tudo o que foi dito nem eu me lembro de tudo o que ele me relatou; mas vou contar o que achei mais digno de lembrança e o que os principais oradores disseram.